A TRAGÉDIA DO POBRE PROFESSOR*

Aires da Mata Machado FILHO

APRESENTAÇÃO

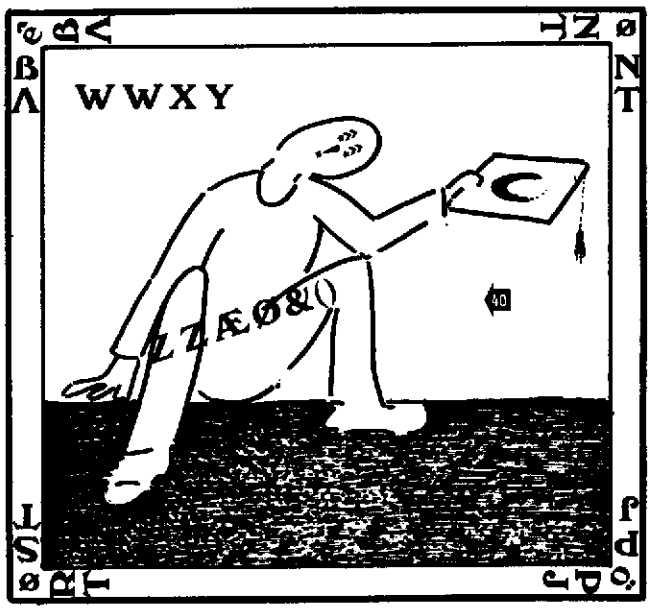
"Dorme tênue memória
em leito sem limites
livre de qualquer sonho
onde tudo é possível"
(Cecília Meireles)

Em 1940, em plena vigência do Estado Novo, a Associação de Professores Primários do Estado de Minas Gerais desencadeou uma campanha por melhores salários.

O movimento recebeu apoio irrestrito da imprensa mineira. Nas páginas do Jornal "O Diário", o Prof. Aires da Mata Machado Filho publicou uma série de artigos em que denunciava as dificuldades enfrentadas pelo professorado mineiro na luta pela própria sobrevivência.

Hoje, passados mais de 40 anos, pouco mudou.

A republicação deste artigo em segunda leitura parece-nos oportuna por duas razões: ele nos permite recuperar um passado, cujo conhecimento é importante para a nossa organização enquanto grupo profissional; além disso, ele nos permite homenagear um grande professor, um intelectual de renome, cuja ausência nunca deixaremos de lamentar.



Quando saiu a última reforma de ensino, escandalizei um grupo de colegas com este comentário: "Pouco valem as reformas. Serão todas ineficazes, enquanto não se der ao professor remuneração condigna". Não é que os companheiros de infortúnio fossem inclinados ao sonho. Tinham vergonha de considerar as coisas como de fato são. Isto sim.

A própria Lei Orgânica do Ensino equipara a função pública à missão de diretor de ginásios e colégios, para coibir a exploração mercantil de ensino, segundo esclarece o ministro Capanema, na sua exposição de motivos. O papel do

* Este artigo foi publicado originalmente em "O Diário" (ano IX – nº 2.956 – 13/08/1944 - p. 4) e é uma colaboração de Ana Maria Casasanta Peixoto (FAE-UFMG), autora da apresentação acima.

governo é justamente dignificar a missão do educador. Já não é pouco reconhecer a intolerável situação.

À primeira vista tem ar de simplismo cifrar o mal do ensino na situação econômica do professor. Nesta já longa berlinda, um diz que a culpa é dos alunos, outro diz que é da época atual, outro diz que todo o mal-estar vem do atual descuido e da incompetência dos professores.

Carregar a mão na vadiação dos alunos é desculpa de mau pagador. A juventude é, de seu natural, ávida de conhecimentos. A curiosidade do adolescente é sabidamente insaciável.

Nem se diga que as novidades do progresso desviam a mente do estudante das preocupações e ocupações, peculiares aos deveres do seu estado. Antes pelo contrário; o cinema, o rádio, a maneira mais humana de tratar a criança e o adolescente são elementos enriquecedores do seu espírito e fortalecedores da sua personalidade. Tudo está em que o mestre seja capaz de os compreender, de se adaptar às realidades inconcussas, delas tirando as armas do ensino.

Quer dizer que a culpa é do corpo docente? É e não é, sendo. Aí é que está a tragédia do pobre professor. Competência não é excreção do organismo humano. Tirocínio não se adquire morrendo de trabalhar. Estafa inutiliza as mais esperançosas qualidades inatas.

Outro dia conversei com um professor de latim. É o melhor de Belo Horizonte. Em certa quadra da vida pôde aperfeiçoar os seus conhecimentos, hauridos em boa escola de humanidades. É hoje pai de numerosa família. Para sustentá-la, é obrigado a dar 40 aulas por semana. Como conseguir tempo para a preparação das aulas? Este homem, que é um profissional honesto, lamenta não ter tempo para estudar. E com razão. Memória serve também para esquecer. E ainda bem que este conhecido latinista sabe a matéria, mas está cônscio de que lhe é humanamente impossível dar essa multidão de aulas satisfatoriamente. E há piores, muito piores. O magistério, pelo geral, não passa de biscato, e biscato precário.

Ora, é óbvio que, se o professor fosse pago decentemente, não tinha precisão de esbofar-se em aulas e mais aulas, nessa triste industrialização da saliva, calvário de competentes e salvação de eloqüentes. Sobrar-lhe-ia tempo para freqüentar os livros, refrescando noções básicas, pondo-se ao par dos progressos na ciência e nos métodos de ensino. Para estudar é forçoso fazer despesas com livros, que custam os olhos da cara. Que eu saiba, não há modo de as conseguir, sem dinheiro.

Serão humanos os professores? Então a vida é só trabalhar o dia inteiro? Nem um minuto para estar em casa com a mulher e os filhos? E essa garganta não descansa? Essa cabeça não arrebenta? Por toda parte o índice de mortalidade do professor é considerável. Revelar-se-ia alarmante, se alguém fizesse a estatística no Brasil, nomeadamente no antigo e sempre novo Curral d'El Rei.

Sim; é uma questão de vida e morte, até para os proprietários de colégios e ginásios. É muito bonito ser educador de mocidade – não há dúvida nenhuma. Mas, aqui para nós, o negócio é magnífico, e dá lucro até sem explorar os proletários intelectuais. Pagando bem os professores, sobe o nível das aulas, a mercadoria ganha em qualidade. Mas isto é uma observação ingênua de quem não entende do assunto, pois importante, em certa modalidade de comércio, é a alma da receita.

Ora bem. O professor está na obrigação de conseguir que os alunos encontrem interesse nas aulas. Para isso há de prepará-las, o que demanda tempo. Se passa o dia inteiro lecionando, mal pode respirar nos intervalos. Para a preparação das aulas é forçoso estudar constantemente. Os livros custam dinheiro. Logo, para dar boas aulas é indispensável folga para estudo e "ouro" para comprar livros. Isto é tão simples que até me envergonha escrever. Mas é incontestável. A execução de qualquer regime escolar exige que o professor conheça a matéria e esteja em condições físicas, intelectuais e pedagógicas de a lecionar. Por isso é que a chave de tudo é o salário condigno, que a lei assegura a qualquer trabalhador.

Sim; a lei. O salário mínimo dos professores está fixado. Mas de que jeito? Colégio houve que pôde, dentro da lei, baixar os honorários dos seus professores. Por isso é que aceito a informação, vinda de "fonte merecedora de crédito", segundo a qual diretores de colégios, individualmente ou por seus órgãos de classe, intervieram no assunto, na defesa de seus interesses. Do contrário ter-se-ia de admitir coisa pior, o que francamente não é justo.

A moralidade da fábula é que não adianta apelar para o governo. A velha mania brasileira de entregar a solução de todos os problemas ao Estado paternal só tem recrudescido nesses últimos tempos. O poder público não pode resolver tudo. Os chamados interesses em jogo anulam as melhores intenções, como no caso vertente. Ainda as leis mais sábias são burladas, não havendo o propósito de correção. Fiscalização é círculo vicioso, porque fiscal puxa fiscal. O normal é que todas procurem defender-se, ainda os fracos em luta contra os fortes. No caso, a fortaleza é ilusória, porque sem professor o maquinismo do colégio não anda.

Pagamento condigno possibilita boas aulas. Aula bem dada entusiasma os alunos. Com isso, transforma-se a mentalidade escolar, carregada de vícios renitentes. O segredo de tudo é ou não é remuneração do professor?

Ainda há o caso do professorado primário. Em Minas, a situação dessa parte do magistério é ainda pior. As professoras primárias ganham uma ninharia. O atual governo já encontrou a situação errada. Tem feito alguma coisa, pouco ainda, conforme o governador Benedito Valadares foi o primeiro em reconhecer, quando declarou em seu discurso de 10 de novembro, repleto de verdades leais, que "o vencimento da professora primária em Minas é uma vergonha". Com a proverbial longevidade da esperança é de aguardar solução do problema por quem lhe reconheceu a gravidade, quando as circunstâncias o permitirem.

O professor primário ensina uma porção de matérias. Necessita, pois, de variada cultura geral. Mais: para apresentar, pedagogicamente, as noções elementares, há de possuir conhecimentos profundos, ainda mais aprofundados que os exigíveis de lentes ginasiais. Com o que ganha a professora, a organização de uma biblioteca mínima é sonho irrealizável que não passa pela cabeça nem das mais imaginosas. E no magistério não faltam professores de valor que fazem da fraqueza força, e sofrem com tal situação.

Ora, ninguém é de ferro. O ardor da abnegação também se extingue. O desejo da expansão constitui, precisamente, apanágio dos melhores elementos. Por isso é que as candidatas aos concursos do DASP procedem, pela maior parte, do magistério primário. Inútil apontar as conseqüências, patentes à mais superficial consideração do assunto.

Quanto ao ensino particular, a defesa dos fracos se consegue com energia. Todo profissional a quem recorremos dá o seu preço e nós lhe pagamos. O professor que faça o mesmo com quem precisa dos seus serviços. Se muitos o fizerem, a pressão dará resultado. Se não der, se a maioria afrouxar, premida pela dura necessidade, que ao menos algum de vez em quando escreva artigos, ou então converse com os outros sobre o assunto, porque a tragédia do pobre professor, apesar de seu alcance coletivo, é de quase todos ignorada.